

5

Conclusão

Dicionários da língua portuguesa e dicionários de filosofia parecem concordar quanto à definição da palavra *analogia*. Etimologicamente, do latim, *analogia* significa “proporção, relação, simetria, semelhança, conformidade”.²³⁴ De uma perspectiva atual, seu significado não muda muito, os dicionários apontam sempre para uma relação de identidade ou semelhança entre dois ou mais seres e fenômenos.²³⁵

Por analogia subentende-se a semelhança de uma coisa com outra, cujos predicados iguais podem ser atribuídos a vários objetos, sendo que tal atribuição não deve ser entendida como unívoca, mas sim como uma expressão de correspondência, aproximação ou correlação estabelecida entre eles.²³⁶ A analogia, portanto, funda-se na possibilidade de estabelecer relações entre seres substancialmente distintos, mas que se assemelham a partir de um ponto de vista ou de uma proporção determinada.²³⁷

É neste sentido que se pode considerar o livro *Imagens do Brasil*, de Carl von Koseritz em analogia a uma exposição. O livro em si não é uma exposição, mas pode ser analisado enquanto tal, assim como seu autor pode ser encarado como um colecionador que gera uma exposição a partir da reunião de seus relatos de experiências em um discurso único que ele coloca aos olhos do público leitor. Se o livro não é, de fato, uma exposição, do ponto de vista analógico pode-se pensá-lo desse modo em muitos sentidos.

Primeiramente, *Imagens do Brasil* consiste em uma narrativa formalizada como um diário de viagem à Corte do Império do Brasil. Nesta exposição, escrita e composta por imagens do Brasil, von Koseritz se dedica a amearhar, de suas experiências no cotidiano da Corte, os traços mais marcantes da vida do

²³⁴ Antônio HOUAISS e Mauro de Salles VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 202.

²³⁵ Aurélio Buarque de Hollanda FERREIRA. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Antônio HOUAISS e Mauro de Salles VILLAR. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Hilton JAPIASSÚ e Danilo MARCONDES. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. José Ferrater MORA. *Diccionario de filosofia*. Madri: Alianza Editorial, 1979.

²³⁶ MORA, op. cit., p.147.

²³⁷ Ibid., p. 148.

Imperador, da política imperial, da sociabilidade na Capital, das instituições que alavancam o Império e da atmosfera existente nas ruas do Rio de Janeiro.

Ademais, essa exposição tem um público definido, o diário não se encerra em si mesmo, uma vez que seus destinatários são os leitores alemães residentes nas colônias sulistas. A interlocução de von Koseritz é, a todo instante, com seus conterrâneos que partilham, na posição de colonos, de um mesmo ideal político-econômico para sua gente, assim como de uma curiosidade desmedida pelo que acontece a léguas de distância das províncias do Sul, na cidade do Rio de Janeiro.

Um segundo sentido, portanto, advém da experiência de visita à *cidade-capital*. O conceito de *cidade-capital* trabalhado e aplicado por Margarida de Souza Neves para o Rio de Janeiro no momento da virada do século XIX para o século XX pode ser pensado, de forma similar, porém cuidadosa, para evitar anacronismos, no que tange à realidade presenciada por von Koseritz na Corte, no ano de 1883. Este conceito permite visualizar a Capital do Império como um microcosmo do Estado imperial; o Rio seria como uma construção simbólica de todo o conjunto do país – uma tentativa de grande exposição da imagem pretendida da Nação: civilizada, progressista e ordenada. Os relatos koseritzianos conformariam, assim, uma grande exposição do Império a partir de uma viagem restrita quase que integralmente ao Rio de Janeiro.²³⁸

A capitalidade exercida pelo Rio de Janeiro como um pólo centralizador de poder e difusor de um projeto de Nação, que se baseava na imagem de um Estado monárquico uno e civilizado, era vista pelas províncias como a projeção do progresso, em moldes europeus, que se concretizava na capital brasileira, que se responsabilizaria por emanar o modelo que, futuramente, alcançaria as províncias.²³⁹

Um terceiro sentido para a analogia do livro sugere uma exposição tal como ela acontece nos museus. Em outras palavras, os fragmentos de experiências do autor, uma vez colocados em conjunto, abrem-se para uma visualização da representação de um mundo macro. Este mundo maximizado é o Império do Brasil que se metonimiza em sua Capital e assim é percebido por um olhar

²³⁸ Cf. Margarida de Souza NEVES. “Brasil, acertai vossos ponteiros”. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991.

²³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 64-65.

duplamente comprometido, ora por um ângulo de visão externo, ora interno; o do europeu e o do colono provinciano, respectivamente.

Ressalte-se que a leitura e a interpretação realizadas acerca do Império são condicionadas pelo olhar do *brummer*, um alemão que lutou para a construção do Brasil através das letras e que, portanto, se enxerga também como um brasileiro. Deste modo, as letras proporcionam aos leitores colonos uma visão panorâmica da exposição engendrada por von Koseritz sobre esse Império ao mesmo tempo que lhes garantem sua inserção, enquanto elemento civilizador, no conjunto dessa mesma exposição.

E, finalmente, um quarto sentido, que cria espaço para questionar o que esse sujeito-narrador, que escreve um texto e o expõe, encontrou em *ciudadelas letradas* como a Biblioteca Nacional, a Casa da Moeda, o Museu Imperial e Nacional e a Exposição Pedagógica, nas instituições que fazem exposição no sentido estrito da palavra?

A passagem de von Koseritz por essas instituições, aquilo que viu e decidiu expor estabelecem uma chave para a compreensão do Brasil através da realização de uma viagem redonda por parte de seus leitores. Essa viagem e a exposição de von Koseritz possibilitam verificar: a importância das letras e do papel da escrita; a importância dos vínculos do Brasil com os padrões externos, em especial os europeus; a importância da sociedade e do projeto político em jogo para a invenção do Estado imperial.

Assim, ainda que em fragmentos, todos esses aspectos observados são articulados e arranjados em um discurso análogo ao de uma exposição, evidenciando o projeto de ordem, civilização e progresso do Império brasileiro. O livro de Carl von Koseritz constitui, portanto, um mapa de leitura da própria dissertação, que procura expor todas essas questões por intermédio da analogia entre as realidades da escrita de um relato de viagem e da escrita de uma narrativa museológica.